

Devemos aqui mencionar que o conceito marxista de "classe para si" é certamente diferente do construto durkheimiano de "moral social". Mesmo assim, uma importante afinidade entre os dois existe, que justifica sua utilização aqui, pelo menos na medida em que ambos se referem à construção social da moral (consciência) dentro de grupos sociais. O primeiro (classe para si), porém, pode ser considerado um caso especial do último, enquanto envolve a construção da vida moral na base da oposição ou antagonismo com relação a um inimigo "externo". Ainda, na visão aqui apresentada do conflito de classe, levantamos que não é apenas a apropriação de recursos o que causa, por si só, a formação da consciência para si nos grupos marginais; há um componente cultural decisivo na formação da consciência, derivado da distancia tecnológica, militar, cognitiva, e de *habitus*, que separava as civilizações que entraram em jogo na formação do país.

Dentro do contexto social em questão, porém, as culturas pré-colombianas "conservadoras" remanescentes no país têm sido, em alguns casos, incorporadas, com resultados notáveis, ao padrão progressista de (re) construção moral (não cultural!), orquestrado pelos seus irmãos de raças mistas. Tal pode ser o caso, por exemplo, dos movimentos na região do Cauca, no sul do país. As classes altas no país, por sua vez, foram constituídas primordialmente por um certo segmento de espanhóis de linhagem fidalga baixa, ligados à burocracia política e/ou militar da metrópole, mais um grupo bastante grande de aventureiros independentes ou "capitalistas", vindos dos estratos baixos, onde o grupo antioquenho representa uma fração muito importante.

Estas distinções de classe, altamente polarizadas, se "revestem" (ou "transvestem") de ingredientes culturais espúrios. Por exemplo, a lei (idealmente uma consagração de padrões e valores culturais) e o dinheiro (idealmente um meio neutro de troca), acabam completamente desnudados dos seus respectivos status como instrumentos e medidas de estatura moral, e se transformam, aos olhos de grandes contingentes das classes baixas, em simples instrumentos de opressão. Esta combinação de relações de classe e cultura constitui o cenário onde "La Violencia" floresce.

c) A questão do poder e da autoridade

Aqui tomamos de empréstimo as noções weberianas de poder e de auto-

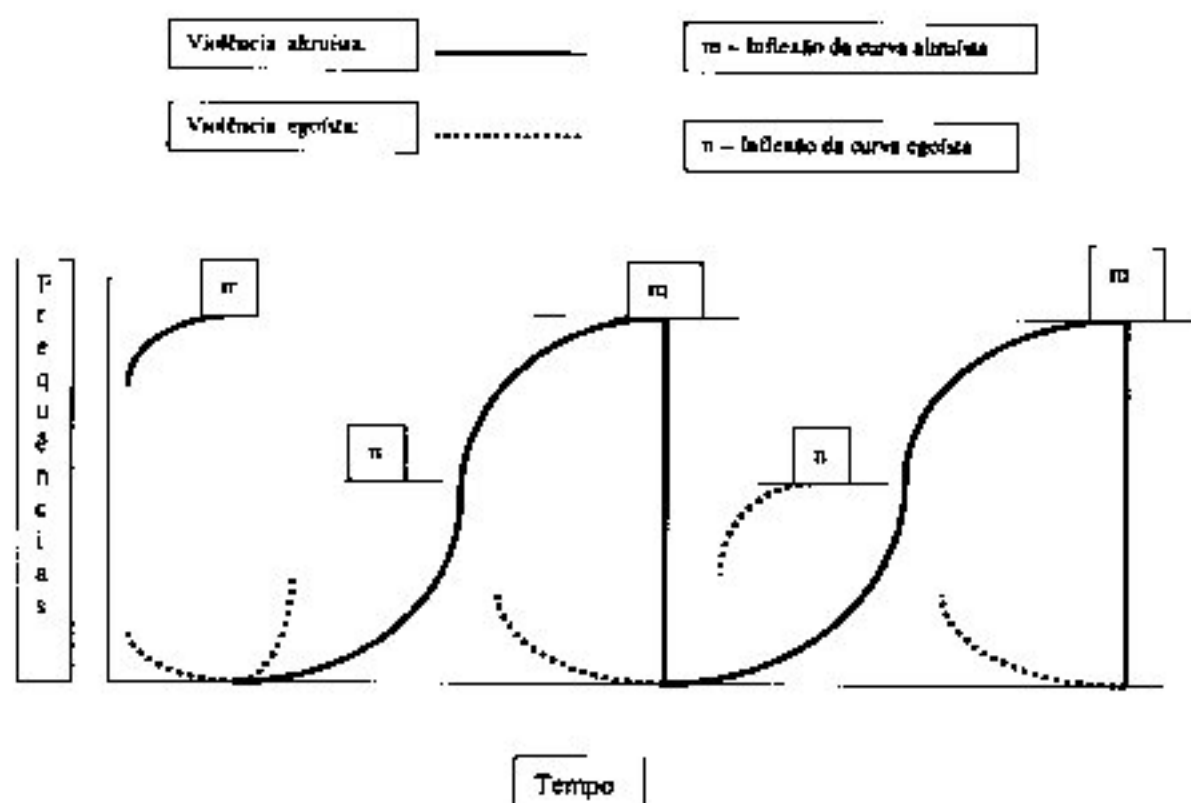
ridade para formular esta parte do modelo. Lembremos que o "poder" weberiano essencialmente envolve a habilidade ou capacidade probabilística de atores (individuais ou coletivos) de impor a sua vontade sobre outros, fora dos marcos organizacionais e institucionais, enquanto a "autoridade" se refere à probabilidade de que um comando de um líder "em posição de autoridade" numa organização ou instituição, seja obedecido pelo grupo subordinado sobre o qual o líder exerce "dominação legítima". A passagem do poder para a autoridade e para a dominação legítima pressupõe um elemento fundamental de "aceitação voluntária". Esta passagem pela aceitação voluntária, porém, pode ser mais detalhadamente analisada a partir de Durkheim, no sentido de que, nos casos de baixa "integração social" (isto é, baixa consensualidade normativa ou consciência coletiva), a aceitação voluntária pode ser mais a exceção do que a regra e, então, a própria dominação legítima poderá funcionar muito precariamente e passar por profundos períodos de crise.

No caso em questão, as relações de poder entre as classes (habilidade relativa da classe dominante de impor a sua vontade sobre as classes subalternas através do Estado central), exibiu historicamente uma tendência de inversão: inicialmente surgiu um Estado central débil, que enfrentava uma classe social subordinada também débil, ambos os fenômenos derivados da frágil integração da sociedade nacional e da sua economia como um todo. O Estado central cresce historicamente no seu poder legal-organizacional, mas enfrenta igualmente classes subordinadas crescentemente mais descontentes e mais organizadas. Isto, é claro, resulta na perpetuação da instabilidade da dominação legítima e das crises de autoridade. Ora, como nenhum dos dois lados consegue impor-se e subordinar definitivamente o outro, mas a classe dominante, sim, consegue manter o poder (embora não a autoridade) e consegue também dismantelar as posições insurrecionais em momentos de crise da autoridade legal (não necessariamente legítima!), então um "padrão básico" cíclico egoísta-altruísta-egoísta de violência social emerge. Este padrão é esquematizado na última seção deste trabalho.

Com o intuito de exemplificar a aplicação do modelo durkheimiano em questão, em termos do padrão cíclico de relações históricas particulares da Colômbia —e presumivelmente da América Latina, embora de forma mais obscura neste âmbito mais geral—, apresentamos tal modelo de forma gráfica na figura 1. Com isto, conseguimos explicitar melhor a ponte entre os conceitos e relações

genéricas durkheimianas e o registro histórico específico das modalidades de “La Violencia”. Com toda propriedade, este modelo pode ser chamado de “tipo ideal” (no seu sentido lógico weberiano, ou seja, para ser utilizado para comparação com o registro histórico, e não como simples acentuação descritiva de alguns elementos da realidade).

Gráfico 1
Trajetórias das violências típico-ideais das formas altruísta e egoísta de violência na história da classe subalterna da Colômbia



Salientamos os seguintes elementos do gráfico 1. Nos pontos mais altos de frequência de violência altruísta “m”, o sistema entra em crise. Neste mesmo momento, presumivelmente, a violência egoísta/anômica apresenta seu nível mais baixo do ciclo. Por se tratar de movimentos anti-sistema, depois da crise (guerra civil), a violência altruísta sofre uma queda vertical junto com o desmantelamento

organizacional e dissolução (socio) moral dos vencidos. Imediatamente após a crise e queda da violência altruísta, e dada a continuidade das suas condições geradoras, rapidamente se verifica um crescimento da violência egoísta/anômica. Porém, pela ação das forças de gravidade moral do grupo, lenta mas sistematicamente mobilizadas endogenamente a partir da derrota, a curva ascendente da violência egoísta/anômica acaba invertendo a sua direção num momento "n", transformando seu potencial de ação egoísta em altruísta. A continuação desta tendência leva a violência altruísta do grupo ou classe subordinada ao topo do seu potencial "revolucionário", com a sua conseqüente queda vertical e reinício do ciclo. A partir deste tipo ciclo típico ideal, realizamos a nossa interpretação de "La Violencia".

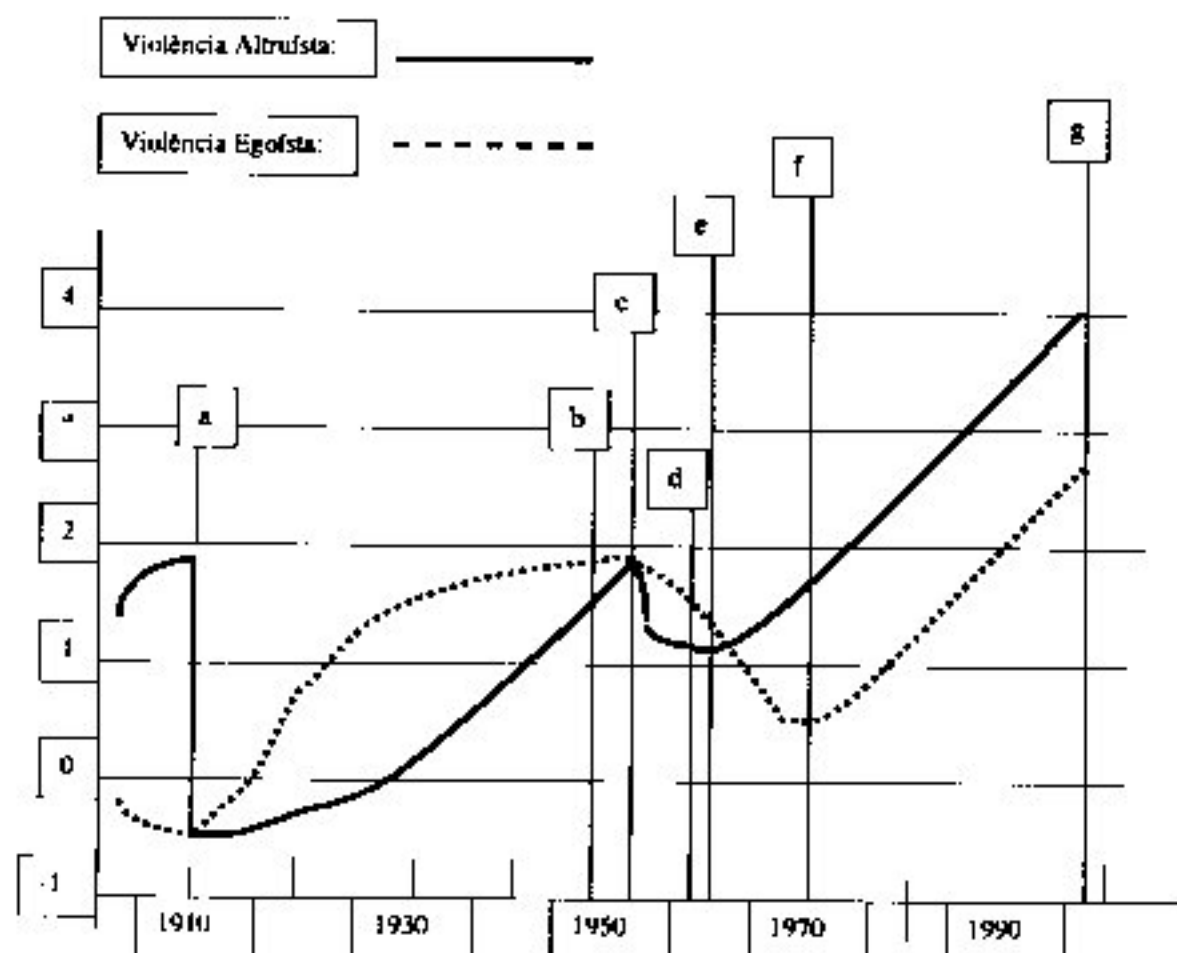
Antes de esquematizar o registro histórico correspondente ao nosso argumento, é importante indicar que o padrão de crise da ordem legítima contemplado no nosso tipo ideal para a Colômbia e a América Latina, derivado das oposições de classe e cultura aqui apresentados, é diferente do modelo habermasiano das "crises da legitimidade" (1975). Embora os fenômenos abordados nos dois modelos estejam relacionados, o modelo habermasiano é de caráter endógeno, em que a estrutura da autoridade legítima entra em crises recorrentes devido à sua própria forma de tratar a mudança. De outro lado, o modelo de conflito baseado nas relações de classe e cultura aqui apresentado nada diz sobre a estrutura interna da autoridade legítima. Ele trata só das pressões de baixo para cima, sistematicamente marginalizadas e, portanto, externas per se à estrutura interna da autoridade legítima do contexto social mais amplo.

Finalmente, as elites tradicionais da autoridade política no país têm demonstrado ser fontes de "autoridade legítima" muito adaptáveis e duradouras. Isto constitui naturalmente um elemento importante na produção histórica do padrão cíclico em questão. Uma instância muito significativa de tal adaptabilidade, é o acordo da "frente nacional" assinado entre os dois partidos políticos tradicionais, mencionado anteriormente. Este acordo contribuiu para o país exibir o impressionante volume e continuidade de democracia política, comparado com o padrão geral na América do Sul: a Colômbia apresentou um só período de aproximadamente cinco anos de ditadura militar durante todo o Século XX.

O roteiro da trajetória cíclica das violências altruísta e egoísta nos últimos cem anos de história na Colômbia.

Para facilitar a exposição, o gráfico 2 apresenta as trajetórias históricas das violências altruísta e egoísta para os últimos 100 anos, aproximadamente.

Gráfico 2
Trajetoórias históricas hip t ticas das formas de violência altruísta e egoísta, na Colômbia, no século XX



Marcos Históricos

- a) fim da guerra dos mil dias (1910)
- b) bogotazo (1948)
- c) golpe de Estado do General Rojas Pinilla (1952)
- d) queda da ditadura do General Rojas Pinilla (1957)
- e) triunfo da revolução cubana (1959/60)
- f) consolidação do tráfico internacional de entorpecentes (1970)
- g) crise e fim do Governo Samper (1998)

Antes de explicitar mais detalhadamente o conteúdo do gráfico 2, é necessário indicar:

a) o gráfico 2 deve ser tomado apenas como um primeiro passo numa agenda muito mais prolongada de pesquisa quantitativa sobre "La Violencia", e representa só um instrumento muito aproximado, que ajuda a **transmitir melhor** a relação básica da nossa hipótese.

b) para ilustrar o tipo de dimensão empírica correspondente às trajetórias hipotéticas altruísta e egoísta das violências em questão, utilizamos níveis dos dois tipos de violência, presumíveis a partir da literatura. Cada ponto em cada uma das curvas representa uma estimativa das instâncias fatais de "La Violencia", imputáveis a atos de violência altruísta e egoísta, respectivamente. As trajetórias no gráfico significam apenas aproximações hipotéticas "grosso modo" dos níveis reais. Pesquisas quantitativas futuras poderão estabelecer mais exatamente os percursos das violências egoísta e altruísta nesse país.

c) a interpretação do gráfico 2 segue para efeitos do modelo típico ideal em questão, a trajetória específica dos dados do gráfico 2 não tem um estatuto probatório, porquanto tal modelo tem uma função comparativa referencial. Eventuais aprimoramentos da estimativa das trajetórias em questão, e mesmo mudanças nela, não viriam a significar possíveis questionamentos do modelo típico ideal básico, mas apenas um melhor conhecimento e compreensão dos parâmetros historicamente específicos de La Violencia.

Notemos, em primeiro lugar, que, de uma forma geral, a relação basicamente inversa observada entre as duas trajetórias, junto com as marcas históricas seleccionadas apresentadas ao longo da dimensão temporal do gráfico 2, são consistentes com a nossa visão cíclica da moral grupal em "La Violencia". Mais especificamente, o registro histórico no gráfico 2 é a resultante da combinação do padrão ideal-típico circular subjacente e os fatores "conjunturais" (ou historicamente mais específicos). O gráfico apresenta os casos da ditadura do General Rojas Pinilla, o triunfo da Revolução Cubana e a ascensão das máfias do tráfico de entorpecentes, como fatores exógenos ao padrão típico-ideal subjacente.

Os ciclos altruísta e egoísta de "La Violencia" poderiam ser identificados talvez até na Revolução dos *Comuneros* no Século XVIII, se uma certa continuidade na história social do país fosse colocada em hipótese. Porém, para os nossos propósitos presentes, podemos tomar a Guerra dos Mil Dias, no início do Século XX, como o nosso primeiro ponto de referência. Em grande parte, essa Guerra representou o confronto entre grandes latifundiários e suas milícias mercenárias do lado do Partido Conservador, e a classe de pequenos agricultores e da pequena burguesia do lado do Partido Liberal. Depois do conflito armado, as milícias dos dois partidos foram dispersadas, deixando um enorme exército de camponeses sem emprego, mas muito bem treinados na "arte" da violência. Marginalizadas da participação no cenário político e econômico nacional central, essas milícias caíram na prática de violência generalizada que, contrariamente à prática na guerra, não tinha propósitos sociais, formalmente – e a seus olhos –, mais altos. Tal prática surgia das pressões de sobrevivência econômica e de conflitos microinteracionais (Tellez, 1987). Esse tipo de violência corresponde à categoria egoísta no modelo durkheimiano, combinada em alguma medida com um componente de anomia.

O gráfico 2 apresenta um pico de violência altruísta no período da Guerra, e uma depressão correspondente de violência egoísta. Este último, a depressão egoísta, se infere simplesmente da relação inversa, teórica, entre os dois fenômenos, a partir do tipo ideal. Isto é, o desenvolvimento altruísta no grupo tende a causar uma queda correspondente de egoísmo. Depois da Guerra, podem ser claramente inferidas mudanças drásticas de direção nas duas trajetórias. A violência altruísta deve ter ficado, em alguma medida, abaixo da média continental, considerando que se trata do fim de uma guerra. A partir daí, a violência

altruísta reinicia uma gênese e ascensão lenta, ainda seguindo fielmente a dinâmica do tipo ideal.

Porém a ascensão da violência altruísta experimenta uma mudança no seu locus organizacional, que vai da simples filiação partidária liberal (e argumentavelmente com uma alta dose de "consciência falsa"), a um movimento autônomo anti-sistema da extrema esquerda, resultando na consolidação das ideologias e práxis marxistas - comunistas e socialistas - em meados do Século XX. Ora, da parte da trajetória da violência egoísta, os baixos níveis presumíveis durante a Guerra começam a crescer rapidamente, estimulados pela persistência ou, talvez, pela piora das condições econômicas e sociais: o "bandoleirismo" colombiano nasce. Ainda seguindo fielmente o padrão típico ideal, a trajetória egoísta deve ter apresentado uma desaceleração, porquanto as forças altruístas presumivelmente começaram a fazer ganhos significativos. Estes últimos aparecem, por exemplo, no caso da organização das FARC (Forças Armadas Revolucionárias Colombianas).

As décadas de 40 e 50 exibem uma das mais surpreendentes transições na história moderna latino-americana: do "bandoleirismo" às guerrilhas marxistas. Porém isto não significa que as guerrilhas fossem gangues de criminosos camuflados sob uma doutrina ideológica. Independentemente dos contornos que o processo tenha tido mais tarde, a transição em questão é suposta aqui como tendo começado e se caracterizado preponderantemente por serem um esforço genuíno de (re) construção moral, consistente com a lei durkheimiana da gravidade social. Dois pontos precisam ser claramente salientados aqui. Um, que os chefes e grupos tanto bandoleiros quanto guerrilheiros são manifestações logicamente deriváveis de, mas não idênticas às bases sociais sobre as quais exercem o seu poder e liderança. Outro que, ao mesmo tempo, as lideranças têm a possibilidade de canalizar a ação das bases. Portanto, o bandoleirismo é entendido como apenas uma forma possível de erupção do potencial de ação das bases com conteúdos principalmente egoístas, ao passo que as novas lideranças guerrilheiras da segunda metade do Século XX são uma outra forma de erupção do poder de ação das bases, principalmente altruísta, surgida subsequenteiramente, atuando desde um patamar ideológico absolutamente diferente do habitus anárquico do bandoleiro. Para aquele, a "teoria" marxista entra como luva na mão.

Como se dá exatamente esta transformação dos atores coletivos, em termos das suas bases, das suas lideranças e da sua ideologia? Esta é a agenda dos estudos etnográficos que deverão vir sobre o assunto. De qualquer forma, não deve ser lido entre linhas que o movimento guerrilheiro teve como sua principal fonte de militância os grupos "bandoleiros". São os grupos sociais marginais econômica e politicamente ao sistema, os que experimentam a passagem do egoísmo para o altruísmo, sendo que os grupos identificáveis de "bandoleiros" e de guerrilheiros são apenas manifestações de tal transição.

A existência dos grupos e da sua mobilização social e a transição moral em questão, não se postulam aqui, porém, só em bases teóricas durkheimianas. Sinais empíricos muito importantes da adequação do nosso modelo de transição ao caso de "La Violencia" são encontrados no registro histórico. Em primeiro lugar, grandes grupos de "bandoleiros" sob lideranças socialmente relevantes surgiram, incluindo nomes como Sangre Negra, Efraim Gonzalez, Chispas, e muitos outros, famosos no país (Tellez, 1987). Eles surgiram do exercício do poder sobre as comunidades rurais e pequenas cidades, e da extração de excedentes destas comunidades. Porém o que é importante sobre estes bandoleiros é que a sua liderança não se exercia só com relação a atividades criminosas egoístas, mesmo que eles possam ter-se iniciado só com elas: como pode se inferir de Tellez (1987), estes líderes também eram figuras carismáticas nas suas comunidades, bem além e eticamente acima dos seus objetivos legalmente marginais e criminosos. Esta liderança social, contudo, se exercitava de uma forma muito primitiva, isto é, sem códigos legais escritos, sem organização burocrática formal-racional, e se apoiando em procedimentos eticamente imaturos ou aberrantes e grosseiramente simplificados.

Há, pois, aqui, uma posição social ambivalente em que, de um lado o indivíduo líder e seus imediatos seguidores representam os antivalores da sociedade maior por quaisquer padrões legais ou morais; mas também, do outro lado, eles permanecem leais, instrumentais, e exercendo "autoridade" (e não só poder) sobre as suas comunidades sociais de origem, se trabalhamos com a hipótese bem plausível de uma aceitação voluntária significativa das comunidades com relação à liderança bandoleira. Estas comunidades são marginais ao sistema legal nacional maior, em termos econômicos, sociais e de capital cultural; mas não estão fora dos limites da lei, como os seus líderes. Tal ambivalência por

parte, tanto dos "bandidos sociais", quanto dos seus seguidores, não é uma característica excepcional e curiosa da história social colombiana. Pelo contrário, ela é freqüentemente observada entre líderes do crime organizado em muitos lugares, notoriamente hoje entre as máfias do tráfico de entorpecentes e outras, na Colômbia, no Brasil, na Itália e em muitos outros lugares. Este tipo de relação social, no caso do Brasil, tem sido reportada repetidamente na mídia em relação aos espaços socio-ecológicos dos "morros" do Rio de Janeiro, controlados pelas máfias, e onde a polícia conquista presença física só excepcionalmente, por pura força bruta.

O problema aqui se reduz, dentro da tradição durkheimiana, a encontrar os "requisitos funcionais" para a transformação do caráter do grupo em questão, de puramente egoísta em altruísta. Em termos do presente ensaio, podemos dizer que a transição do simples "bandoleirismo" a uma postura moral mais abrangente - incluindo ideologia política, estratégias de luta e, eventualmente, diálogos de paz com tendência a "cura estrutural" pela participação citada dos grupos marginais - é o desafio mais premente, no caso da Colômbia. Com contornos às vezes bem menos dramáticos, o Terceiro Mundo como um todo enfrenta o mesmo tipo de desafio.

Um outro sinal empírico da transição em questão aparece em instâncias específicas da mudança em questão por parte dos líderes bandoleiros. Pode ser identificado especialmente o caso do "bandoleiro" Chispas (Tellez, 1987). Outros casos, em diferentes níveis das organizações coletivas, devem ter acontecido. Porém, a transição genérica do "bandoleirismo" às guerrilhas esquerdistas não implica qualquer tipo de "conversões ideológicas" individuais, descontínuas, como no caso do batismo católico de judeus. Como fatos sociais durkheimianos que são, os correlatos epistêmicos destes dois fenômenos - egoísmo e altruísmo - são características grupais das quais os indivíduos geralmente participam simultaneamente, embora em graus diferentes. Portanto, "níveis grupais" destas características podem ser identificados para cada grupo como um todo. No início da ascensão moral do grupo, provavelmente nenhum dos seus membros realiza qualquer ação ou mesmo fala ou sente, de qualquer forma concreta, a necessidade de uma reconstrução (socio) moral, nem imagina qualquer participação da sua comunidade em tal tarefa. Neste ponto, só alguns dos mais elementares requisitos funcionais da (re) construção moral do grupo começam a ser satisfi-

tos: uma mais permanente estruturação do grupo através de contatos mais estáveis, desenvolvimento de lideranças e carisma, e definição dos parâmetros sociais e do "crime" pelo grupo, entre outros.

Porém, como já advertimos, entre os vários espaços vazios do modelo encontra-se a falta de especificação de quando e por que alguns grupos desenvolvem uma visão proselitista e altruísta dos seus valores morais, enquanto que outros não o fazem. O caso do crime organizado e das máfias é uma instância de grupos que não desenvolvem tal visão. De qualquer forma, o processo se estabelece a partir das forças morais internas, que podem ter sucesso ou não, a longo prazo.

A transição "social" em questão, de "bandoleirismo" para a guerrilha envolve, pois, a mudança do peso relativo do egoísmo e do altruísmo dos grupos marginais, que começam a sua passagem de predominância egoísta para altruísta durante as décadas dos anos 40 e 50. É presumível que não será até mais tarde, provavelmente na década de 60, que as duas trajetórias se cruzam.

O *Bogotazo* de 1948 é o nome dado ao quebra-quebra nas ruas da cidade de Bogotá após o assassinato de J. E. Gaitan, líder da esquerda liberal no país e candidato à presidência da república. Este evento representa muito bem o nível crítico atingido pela ordem legítima nesse momento, bem dentro da nossa especificação típico ideal. Subseqüentemente a ele, com a ordem institucional permanecendo em níveis críticos, resulta o golpe de Estado do general Rojas Pinilla, em 1952. A ditadura de Rojas Pinilla não teve sabidamente o significado de confrontação social experimentado durante a Guerra no início do século. A primeira fase da gestão do general Rojas representou uma política de reconciliação. Portanto, durante pelo menos a primeira fase da ditadura, faz sentido supor um decréscimo na trajetória de violência altruísta, em função dos diálogos e acordos de paz, especialmente com o líder guerrilheiro Guadalupe Salcedo (Fluharty, 1957). Neste caso específico, o decréscimo na violência altruísta não significa um incremento correspondente de violência egoísta; pelo contrário, a queda em altruísmo deve ter estimulado um decréscimo na taxa de crescimento do egoísmo, ou ainda, uma queda em números absolutos. Isto por causa do clima produzido pelas promessas do novo regime. Este evento histórico representa, em termos do padrão típico ideal, uma ruptura ou quebra no percurso. Mesmo assim, em função do fracasso da ditadura em encontrar e implementar

soluções amplas para os problemas sociais e o dualismo de classe, poder-se-ia esperar um restabelecimento do percurso típico-ideal das violências. Isto aconteceu só parcialmente. Vejamos.

Depois do fracasso e queda da ditadura em 1957, e com o triunfo da revolução cubana, a violência altruísta experimenta, de novo, um crescimento intenso e prolongado, amplamente reconhecido, recuperando-se este elemento do padrão típico ideal. A violência egoísta, por sua parte, deve ter apresentado uma correspondente queda depois deste ponto: o "bandoleirismo" tem aí virtualmente desaparecido e a utopia socialista ganha vigor extraordinário, não só na Colômbia mas no continente latino-americano como um todo. Os ganhos dos grupos altruístas provavelmente absorveram porções crescentes da violência egoísta do país. O movimento guerrilheiro urbano M 19 constituiu um desenvolvimento chave nesse momento, somado às ainda crescentes forças das FARC e do ELN (Exército de Liberação Nacional).

Estas tendências deveriam ter chegado ao seu clímax na forma de mais uma crise da ordem institucional de grandes proporções, em que, em função da combinação dos fatores externos e internos, o estabelecimento político teria prevalecido, com o desmantelamento e desintegração dos grupos guerrilheiros ideologizados, praticantes da violência altruísta. Da Argentina à Nicarágua, passando pelo Uruguai, o Chile, o Brasil, o Peru e El Salvador, para mencionar apenas os casos mais importantes, confrontações violentas entre grupos insurretos de esquerda e os militares aconteceram. As guerrilhas colombianas, porém, apesar dos esforços altamente significativos do governo para atrair pessoal guerrilheiro para a vida civil regular, se fortaleceram ainda mais. Por quê?

Do lado de fora das forças marginais altruístas em ação no país, um novo e singular fenômeno redesenhou as trajetórias das violências no sentido da excepcional configuração histórica que elas exibem no último quarto do Século XX: isto é, uma combinação de intensos, continuados e monotônicos crescimentos, das violências tanto altruísta quanto egoísta. Estou falando da consolidação dos cartéis de tráfico de entorpecentes, centralizado primeiro em Medellín - marcado aqui aproximadamente em 1970 - e depois em Cali, após a morte do traficante Pablo Escobar, em 1994.

Este fenômeno estimula dois processos paralelos. Um, a guerra contra os cartéis orquestrada tanto nacional quanto internacionalmente; e dois, o renova-

do vigor da violência altruísta, derivado da provável participação das guerrilhas nos negócios da droga em níveis tanto de produção quanto de processamento, e até de comercialização. Os mecanismos específicos através dos quais os dois fenômenos podem-se ter reforçado mutuamente é ainda uma matéria muito obscura. Porém a direção positiva das trajetórias dos dois tipos de violência é de conhecimento geral. Os esforços crescentes - inclusive de tipo internacional - de articulação da guerra contra as drogas, a morte de Pablo Escobar e a consequente dissolução do cartel de Medellín, devem ter significado talvez, uma certa desaceleração da violência egoísta no país.

Devemos indicar também que, face ao fracasso das autoridades legais em controlar o cenário de violência no país, exércitos mercenários paramilitares têm inundado especialmente as áreas rurais para proteger as grandes empresas agrícolas do *boleteo* (contribuições monetárias forçadas ou "impostos" extraídos pelas guerrilhas), genuíno ou não. Na superfície, um quadro caótico de seqüestro, extorsões, execuções, chantagens e abusos violentos de autoridade se alastram pelo país: formas genuínas, éticas e não éticas, de estratégias altruístas violentas e de contra-estratégias se confundem com procedimentos espúrios semelhantes, do lado egoísta do espectro da ação social. O enorme alcance do conflito hoje está amplamente documentado pela mídia colombiana e também, internacionalmente. Para os nossos propósitos aqui basta registrar que um relatório recente da DEA (Washington Post, 1998) revela que as guerrilhas colombianas controlam mais de 40 por cento do território nacional e que, ao ritmo de crescimento apresentado hoje, em cinco anos as guerrilhas estarão em posição de derrotar as forças militares regulares do país.

A partir desta análise, podemos presumir que a quebra da perpetuação dos ciclos de violência egoísta e altruísta no país poderá vir só com o lento, mas já bastante amadurecido, amálgama de classes e culturas, dentro de um quadro de efetiva e limpa democracia participativa. Seria o fim desta longa história de sangue.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, Jeffrey, Seidman, S.(Ed.). **Culture and Society**. New York: Cambridge University Press, 1990.
- CAMACHO, Alvaro, A. Guzman, y otros. **Nuevas Visiones Sobre la Violencia en Colombia**. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert de Colombia e Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internales, Universidad Nacional de Colombia, 1997.
- COMISIÓN DE ESTUDIOS SOBRE LA VIOLENCIA. **Violencia y Democracia**. Bogotá: Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales, UNC, Colciencias, 1987.
- COLLINS, Randall.. **Four Sociological Traditions**. New York: Oxford University Press, 1994.
- COSTELLA, Maria. **A Igreja Católica e o Movimento da Encruzilhada Natalino**. Porto Alegre: UFRGS,1992
- DE JANYRY, Alain. **The Agrarian Question and Reformism in Latin America**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press,1981.
- DURKHEIM, Emile. **The Division of Labor in Society**. New York: The Free Press, 1933.
- _____. (1951) **Suicide: A Study in Sociology**. Glencoe, Illinois: The Free Press.
- FLUHARTY, Vernon L. **Dance of the Millions: Military Rule and Social Revolution in Colombia 1930-1956**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1957.
- FUKUYAMA, Francis. **Democracy and the End of History**. New York: Associated Publishers,1989
- HABERMAS, Jurgen. **Legitimation Crises**. Boston: Beacon Press, (1975)
- HOBBSBAWN, Eric. **Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries**. New York: W.W. Norton, (1965).
- JOHNSON, Terry, Christopher Dandeker, and Clive Ashworth. **The Structure of Social Theory: Dilemmas and Strategies**. London: Macmillan, (1984).
- RIBEIRO, Darcy , **The Americas and Civilization**. New York: Dutton, (1971).
- SANCHEZ, Gonzalo e R. Penaranda (Ed.).**Pasado y Presente de la Violencia en Colombia**. Bogotá: CEREC, (1994)
- TELLEZ, Petro Claver. **Crônicas de la Vida Bandolera**. Bogotá: Planeta, (1987).
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Class Formation in the capitalist World Economy**. Politics and Society v.5, n.3, p. 367-375, 1975, (1975).
- _____. **The Politics of the World Economy**. Melbourne: Press Syndicate of the

University of Cambridge (1984).

WRIGHT, Eric. **Class Counts**. Comparative Studies in Class Analysis. New York: Cambridge University Press (1997).

Resumo

Nesse artigo elabora-se um modelo típico-ideal da transformação da violência egoísta-anômica (crime ordinário e organizado) em violência altruísta (politicamente revolucionária), e vice-versa, a partir da lei da gravidade social de Durkheim, complementada com aspectos implícitos do fenômeno da gênese (sócio) moral dos grupos humanos, e com aspectos do modelo weberiano de exercício do poder e da autoridade. Este modelo é aplicado na interpretação integrada das várias formas de violência na Colômbia no século XX.